

A INTERPRETAÇÃO DE PLATÃO INAUGURADA PELA ESCOLA DE TÜBINGEN E POR MIM APRESENTADA EM SENTIDO EPISTEMOLÓGICO COMO “PARADIGMA HERMENÊUTICO” ALTERNATIVO ÀQUELE DOMINANTE

Giovanni Reale*

RESUMO: Este texto versa, em primeiro lugar, sobre a interpretação de Platão inaugurada pela Escola de Tübingen, explicando como essa escola, com fino trato histórico, leva em conta a especificidade da revolução cultural em curso na época de Platão. Na sequência, explicita as razões que motivaram o autor do texto que ora se apresenta a que fizesse em anos idos uma reapresentação da nova interpretação de Platão. Não fica de fora um importante juízo de Hans Krämer sobre essa reapresentação. Finalmente, comenta as publicações dos anos oitenta em diante sobre Platão e a história do platonismo, e sobre as contribuições de teóricos recentes, em defesa do novo paradigma de leitura das obras de Platão.

PALAVRAS-CHAVE: Platão, revolução cultural, paradigma, interpretação.

THE TÜBINGEN SCHOOL'S INTERPRETATION OF PLATO, PRESENTED EPISTEMOLOGICALLY AS A "HERMENEUTICAL PARADIGM" ALTERNATIVE TO THE CURRENTLY DOMINANT ONE

ABSTRACT: This text is, first, on the interpretation of Plato inaugurated by Tübingen's School of interpretation of Plato, explaining how this school, with accurate historical trait, takes into account the specificity of cultural revolution in progress at the time of Plato. In sequence, it explains the reasons that motivated the author of this paper, some years ago, to make a replay of the new interpretation of Plato. This paper brings forth an important opinion of Hans Krämer about this replay. Finally, comments are made on publications from the eighties until now on Plato and the history of Platonism, and on recent theoretical contributions in defense of the new paradigm of reading the works of Plato.

KEYWORDS: Plato, cultural revolution, paradigm, interpretation.

* Professor de Filosofia Antiga e Medieval na Faculdade de Filosofia da Università Vita-Salute San Raffaele, Milão.

1. Tradução do italiano de Marcos César Seneda. Este artigo foi originalmente publicado no volume de Giovanni Reale, *Autotestimonianze e rimandi dei dialoghi di Platone alle "Dottrine non scritte"*, Bompiani, Milano 2008, em seus capítulos I (pp. 15-36) e XX (pp. 245-259).

2. E. A. HAVELOCK, *Cultura orale e civiltà della scrittura da Omero a Platone*, tradução de M. Carpitella, introdução de G. Gentili, Editora Laterza, Roma-Bari, 1973, reeditado na Coleção "Biblioteca Universale Laterza", 1983, 1995. O título original é *Preface to Plato*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 1963.

1. PODE-SE COMPREENDER PLATÃO SOMENTE NO ÂMBITO DA REVOLUÇÃO CULTURAL EM CURSO NO SEU TEMPO¹

Antes de enfrentar os problemas hermenêuticos singulares que dizem respeito aos nexos estruturais entre os escritos e as “doutrina não escritas” de Platão – que procurarei apresentar de modo sintético, limitando ao essencial as citações e referências – considero indispensável traçar um quadro geral.

Uma das maiores revoluções culturais, de importância verdadeiramente epocal, ocorreu na Grécia entre os últimos decênios do século V e a primeira metade do século IV a.C. com o nascimento da civilização da escrita e com a consequente superação da cultura da oralidade poético-mimética, que por séculos tinha sido predominante.

A revolução cultural que conduziu a vitória da escrita sobre a oralidade corresponde exatamente – e de modo verdadeiramente surpreendente – ao período da vida de Platão, que nasceu em 427 a.C. e morreu em 347 a.C. Portanto, a afirmação feita por Havelock em seu livro de 1963², ou seja, que *não se pode compreender Platão se não se o coloca no âmbito*

daquela revolução que é levada a cabo durante a sua vida, é bem fundada e certamente exata.

Mas esta afirmação implica uma precisa e ulterior pergunta, decisiva em muitos aspectos: qual foi o papel que Platão desenvolveu em tal revolução?

E a resposta a tal pergunta é verdadeiramente problemática e bastante complexa, como veremos.

2. A QUESTÃO DA IDENTIFICAÇÃO DA PRECISA POSIÇÃO ASSUMIDA POR PLATÃO NAQUELA REVOLUÇÃO

O problema levantado, com efeito, é muito difícil de resolver, na medida em que a posição assumida por Platão resulta aparentemente contraditória, e, de qualquer modo, intrincada e certamente anômala.

a) De um lado, ele demonstrou a necessidade de abandonar a cultura oral poético-mimética; de outro, defendeu a oralidade, pondo-a axiologicamente acima da escrita, afirmando diretamente a tese de que as “coisas que são de maior valor” o filósofo deve reservá-las à oralidade;

b) Além disso, de um lado, criticou firmemente a escrita, pelos motivos que veremos; de outro, defendeu a própria escrita, e se expressou como um dentre os maiores escritores e não somente no âmbito da cultura grega; mais ainda, o *corpus* dos escritos que nos legou teve influências que, sob certos aspectos, não tem comparação.

O problema que emerge é verdadeiramente notável. A solução proposta por Havelock é a seguinte. Platão foi definitivamente *um profeta da nova cultura*: o seu método dialético em conexão com a problemática das Ideias mostra-se dependente quase *in toto* da própria civilização da escrita. O ataque e a inversão a que Platão submete a estrutura e os fundamentos da cultura da oralidade poético-mimética e a conseqüente introdução das novas estruturas e dos novos fundamentos do pensar teriam sido impossíveis sobre um plano diferente daquele que se tinha atingido justamente através da escrita.

Retomo alguns passos que ilustram bem esta tese, e ajudam a compreender a posição que assumirei positiva e negativamente.

No próprio *Prefácio* do livro vem dito:

O alfabetismo não amadureceu completamente os seus resultados até o início da era helenística, em cujo pensamento conceitual adquiriu, por assim dizê-lo, caráter corrente e o seu vocabulário tornou-se mais ou menos uniforme. Platão, que viveu bem no meio desta revolução, a renunciou e dela se torna o profeta³.

Qual foi a causa do despertar dos gregos daquela forma de *transe* hipnótico em conexão com a oralidade poético-mimética, na qual o sujeito se identificava com o objeto memorizado, e do nascimento da autoconsciência e do novo modo de pensar?

A resposta deve encontrar-se na mudança ocorrida na tecnologia da comunicação. O aliviar a memória por meio de signos escritos punha o leitor em condições de fazer, pelo menos em grande parte, aquela identificação emotiva graças à qual somente o testemunho acústico era evocado com segurança. Isso podia liberar a energia psíquica, que podia ser empregada para passar em revista e reordenar o que se tinha escrito e podia ser visto como um objeto e não somente ouvido e apreendido com atenção. Se podia, por assim dizer, voltar a examiná-lo. E esta separação do sujeito em relação à palavra recordada é possivelmente, por sua vez, o pressuposto do emprego crescente, no curso do quinto século, de um expediente amiúde considerado característico de Sócrates, mas que talvez fosse de caráter geral, sendo usado para atacar o hábito da identificação poética e induzir as pessoas a dar-lhe as costas⁴.

A teoria das ideias se transformava, em conseqüência, “numa necessidade histórica”⁵, por meio da qual, a esse pensar por “imagens”, que era próprio da cultura da oralidade poético-mimética, se substituiu um pensar por “conceitos”, que não podia fundar-se sobre a nova forma de cultura criada pela alfabetização. Era, portanto,

3. E. A. HAVELOCK, *op. cit.*, p. 3.

4. E. A. HAVELOCK, *op. cit.*, p. 171.

5. E. A. HAVELOCK, *op. cit.*, p. 219.

6. E. A. HAVELock, *op. cit.*, p. 232.

7. E. A. HAVELock, *Alle origini della filosofia greca*. Introdução com revisão e notas aos cuidados de Th. COLE, Prefácio de B. GENTILI, tradução de I. LORMIENTO, Laterza, Roma-Bari, 1966, p. 20.

8. PLATONE, *Lettera VII*, 341 B 7 - C 5.

a evolução geral da civilização grega junto com a passagem da oralidade à escrita “que devia tornar o platonismo inevitável”⁶.

Em suma: a passagem daquela linguagem da oralidade poético-mimética – fundada pela memorização sobre os expedientes do ritmo do verso e das formas métricas, e baseada em imagens, em eventos e em situações, na qual estruturalmente o acontecimento real predomina sobre o conceito – à nova linguagem, que à sintaxe das imagens substituiu aquela dos conceitos, *poderia ter se tornado possível somente pela metodologia da alfabetização*.

Mas tal tese não predomina a não ser em parte, e a posição assumida por Platão é bem mais complexa.

3. A crítica à escrita e os autotestemunhos de Platão põem em crise a tese de Havelock e dos seus seguidores

Que seja imediatamente dito que o mérito principal de Havelock consiste em ter evidenciado cuidadosamente *a necessidade de ler Platão no âmbito daquela revolução cultural de importância epocal*. Mas o livro *Preface to Plato* de Havelock, que se volta, todavia, inteiramente para a questão de fundo de entender Platão, tem seu principal defeito no método que utiliza, que é de caráter fortemente reduutivo: torna o nascimento e a evolução das formas de pensamento dependente das tecnologias da publicação, da comunicação e da conservação. As condições e os instrumentos materiais condicionariam *in toto* o espírito humano. Trata-se de um reducionismo que podemos bem chamar científico-tecnológico.

O problema que se impõe, então, é este: foi de fato “a crescente alfabetização que abriu a estrada aos experimentos de abstração”, ou foi, ao contrário, o nascer de novas instâncias espirituais, em sentido abstrato e dialético, que solicitaram a utilização, a aplicação e a difusão da escrita?

Ou, em todo caso, não ocorreu uma complexa dinâmica entre as duas coisas de caráter sinérgico?

Os fatos demonstram justamente isto.

Havelock não somente sustenta a tese de que justamente a escrita tornou possível e sobretudo necessário o platonismo, mas que até mesmo o *corpus* dos escritos platônicos constitui a vertente do pensamento grego, e no seu gênero vem a ser o primeiro na história do pensamento humano. Em uma obra postumamente publicada escreve:

*A grande vertente na história do pensamento teórico grego, seja que se tome por objeto a natureza ou o homem, coincide não já com o período da atividade socrática – o que no plano histórico seria uma hipótese absurda –, mas decerto com a primeira metade do século IV a.C., quando um homem originário de Atenas, combinando a arte literária nascida na sua cidade – isto é, a arte dramática – com a empresa intelectualmente iniciada na Jônia e acolhida por Sócrates, introduziu no mundo grego – como também naquele dos seus herdeiros culturais – um consistente corpus de escritos destinados a leitores, no seu gênero o primeiro na história da nossa espécie*⁷.

Mas como pode então um homem, que com os seus escritos alterou a história da cultura grega e aquela dos seus herdeiros culturais, submeter os escritos a uma crítica cerrada e afirmar a superioridade da oralidade sobre a escrita?

No *Fedro* e no *excursus* da *Carta VII*, Platão afirma que sobre certas coisas (sobre aquelas que para ele eram *de maior valor*, ou seja, sobre os fundamentos do seu sistema) não somente não havia até aquele momento um seu escrito, mas que nem mesmo poderia jamais existir no futuro⁸.

Havelock deveria analisar esses textos com grande atenção e fornecer uma interpretação adequada: ao invés disso, os negligencia *in toto*.

Em realidade, emerge justamente dos *autotestemunhos* de Platão uma conspícua “contrafação” que põe em crise a tese de Havelock, enquanto a posição de Platão resulta bivalente, e, sob muitos aspectos, desconcertante. Platão não somente foi um grande escritor, mas também defendeu a escrita contra os detratores,

e formulou com precisão quais são as regras do bem escrever, como veremos. Todavia, ao mesmo tempo declarou a oralidade superior à escrita, e caracterizou o filósofo como aquele que não escreve nos rolos de papel as coisas que são para ele de maior valor, mas as escreve nas almas daqueles homens que considera capazes de recebê-las. As “coisas de maior valor”, Platão reservou-as à oralidade e para as lições e discussões no âmbito interno da Academia.

O nosso filósofo, portanto, não consignou o seu pensamento inteiramente aos escritos, e se não nos tivessem chegado os testemunhos dos seus alunos sobre as “doutrinas não escritas”, nós não conheceríamos a não ser parcialmente o seu pensamento, e não o conheceríamos nos seus fundamentos últimos.

Em consequência, a escrita de Platão careceu do socorro da oralidade, e os testemunhos dos discípulos sobre as “doutrinas não escritas” são indispensáveis para compreender os escritos.

4. As duas formas de oralidade que são bem distintas: a mimético-poética e a dialética

É um problema básico que consideramos oportuno antecipar brevemente, porque da compreensão disso depende uma correta interpretação de Platão.

Julgou-se contraditória a posição assumida por Platão pelos seguintes motivos. Em particular na *República*, ele demonstra a inconsistência e as contradições em que cai a tradicional cultura da oralidade e a necessidade de liberar-se dela; ao mesmo tempo, contudo, põe a oralidade acima da escrita e a considera essencial para o filósofo, como tínhamos dito.

Em realidade, a contradição, a nosso ver, não se sustenta, uma vez que entram em jogo duas formas de oralidade completamente diferentes entre si e diretamente antitéticas, como demonstramos em outros trabalhos, e também neste livro contestaremos⁹.

A primeira forma de oralidade é justamente aquela “mimético-poética”, que por séculos teve

o predomínio quase absoluto na cultura dos Gregos, em todas as suas formas de vida privada e pública.

A segunda é a “oralidade dialética”, desenvolvida nos círculos dos filósofos, a partir de Tales até o vértice alcançado com Sócrates.

É justamente esta “oralidade dialética” que Platão considera superior à escrita, e na qual também se inspira ao redigir os seus escritos, como veremos de maneira pontual e sistemática.

5. A necessidade da escrita imposta pela oralidade dialética

Em particular, deve ser especificado que *não foi a escrita que tornou necessário o platonismo, mas vice-versa*. Para dizê-lo melhor: *a necessidade da escrita foi provocada de modo maciço e irreversível justamente pela “oralidade dialética”, conduzida por Sócrates a consequências extremas e consagrada por Platão*.

Da recusa de escrever por parte de Sócrates, de fato, nasceu um verdadeiro e característico gênero literário, aquele dos *diálogos*, que não tem verdadeiros e característicos precedentes específicos, ou os têm na forma embrionária e bem diversa daquela típica dos *logoi sokratikoi*. Então, *em que sentido e em que medida o nascimento de tal gênero literário se conecta com a recusa de escrever por parte de Sócrates?* E em que sentido se coliga com aquela revolução cultural em curso da qual se falou?

Gregory Vlastos, reconhecendo que o nascimento do novo gênero literário dos diálogos está extremamente conectado com o não-escrever por parte de Sócrates, observa com precisão o seguinte:

Justamente quando Platão estava para dar início ao seu trabalho, o diálogo em prosa tivera um apropriado desenvolvimento naquele curioso subproduto da recusa de escrever, sentenciado por Sócrates: tinha nascido um novo gênero, os sokratikoi logoi, que de modo improvisado tinham se tornado uma moda, quase uma obsessão. Além de Platão e Xenofonte, de todos aqueles que mencionam uma ou

9. Vejam-se sobretudo: G. REALE, *Platone. Alla ricerca della sapienza segreta*, Rizzoli, Milão, 1998; BUR, 2004, os primeiros cinco capítulos e *passim*; G. REALE, *Socrate. Alla scoperta della sapienza umana*, Rizzoli, Milano, 2000; BUR, 2001, 2004², 2007³, p. 73-93.

outra das nossas fontes, diz-se que produziram tais composições: *Esquines de Esfeto, Antístenes, Aristipo, Brisão, Cebes, Críton, Euclides de Mégara, Fédon*. Que Platão não tenha sido o precursor naquele campo pode ser deduzido de duas notícias, ambas bem atestadas: Aristóteles cita um tal Alexámenos como primeiro escritor dos diálogos filosóficos; e Teopompo (o histórico), contemporâneo de Demóstenes e de Aristóteles sustenta que grande parte da obra de Platão tinha sido plagiada dos diálogos de Aristipo, Antístenes e Brisão¹⁰.

De fato, Sócrates, com o seu filosofar na dimensão da “oralidade dialética”, provocou uma verdadeira e definitiva “explosão”, de ampla abrangência de uma nova forma literária, com respeito à qual não se encontra o que quer que seja de análogo nem antes nem depois dessa época.

Citemos como prova alguns testemunhos, iniciando por aquele referente a Simônides, um personagem muito estudado, que Vlastos não menciona, mas por quem é bom começar, por ser particularmente significativo. Diógenes Laércio diz que era um sapateiro, em cuja oficina Sócrates amiúde conversava. Ele “costumava tomar notas de tudo aquilo que recordava”¹¹, e, por isso, os seus diálogos se chamavam “de couro” ou “do sapateiro”¹², e eram em número de trinta e três.

De *Ésquines de Esfeto* aqui é relatado o que segue:

*Ésquines era caluniado sobretudo por Menedemo de Erétria, na medida em que tinha feito passar por sua a imensa maioria dos diálogos, que eram de Sócrates, depois de tê-los tomado de Xantipa. Destes, aqueles chamados “acéfalos” são verdadeiramente fracos e não deixam aparecer o rijo vigor típico de Sócrates*¹³.

Diógenes Laércio nos informa também que entre os diálogos de *Ésquines* não foram inseridos nenhuns de Pasifonte da escola de Erétria, e que nosso autor saqueou também diálogos de Antístenes e de outros. Sete seriam

em particular os diálogos autênticos de *Ésquines*, que eram “modelados segundo o caráter socrático”¹⁴.

Os fantasiosos boatos aqui reportados dizem muita coisa sobre este gênero literário, que se criou em torno de Sócrates.

Dos diálogos atribuídos a Antístenes nos tinha sido dito que eram considerados autênticos por Panécio¹⁵. De Aristipo são recordados por Diógenes mais de vinte títulos¹⁶; de Cebes são recordados três¹⁷; de Símiás, vinte e três¹⁸; de Críton, dezessete¹⁹; de Fédon, sete²⁰.

É evidente que destes diálogos muitos eram provavelmente apócrifos. É-nos dito que Panécio assumia em relação a esses uma posição um tanto drástica:

*De todos os diálogos socráticos, Panécio considera autênticos aqueles de Platão, de Xenofonte, de Antístenes, de Ésquines, de Aristipo; é inseguro, ao contrário, sobre os de Fédon e de Euclides, ao passo que recusa todos os outros*²¹.

Nós possuímos no seu todo apenas os escritos socráticos de Xenofonte (*Memoráveis de Sócrates, Simpósio, Apologia de Sócrates, Econômico*) e os diálogos de Platão, mas bastariam também apenas estes para tirar as devidas conclusões e dar uma resposta ao problema que tínhamos posto acima: um fenômeno como o nascimento e a difusão de diálogos escritos de tal natureza e de tal importância não poderia explicar-se a não ser com base nos seguintes motivos: a mensagem de Sócrates que tanto percutia nos seus conteúdos e na forma com que vinha comunicada, não podia ser memorizada, fixada de modo estável, conservada e reutilizada no âmbito da oralidade. Somente a poesia, de fato, pelos seus caracteres específicos (estrutura formular e rítmica do verso), pode ser memorizada, fixada de modo estável e, portanto, reutilizada.

Consequentemente, o discurso dialético impõe necessariamente o uso da escrita para a sua memorização e reutilização.

10. G. VLASTOS, *Il filosofo dell'ironia complessa*, editado por A. BLASINA, La Nuova Italia, Florença, 1998 (o original é de 1991), p. 68.

11. DIÓGENES LAÉRCIO, *Vite e dottrine dei più celebri filosofi*. Edição bilingue. Editado por G. REALE, com a colaboração de G. GIRGENTI e T. RAMELLI, Bompiani, Milano, 2005, 20072, II, 122.

12. *Ibidem*.

13. DIÓGENES LAÉRCIO, II, 60.

14. DIÓGENES LAÉRCIO, II, 61.

15. DIÓGENES LAÉRCIO, II, 64.

16. DIÓGENES LAÉRCIO, II, 84.

17. DIÓGENES LAÉRCIO, II, 125.

18. DIÓGENES LAÉRCIO, II, 124.

19. DIÓGENES LAÉRCIO, II, 121.

20. DIÓGENES LAÉRCIO, II, 105.

21. DIÓGENES LAÉRCIO, II, 64.

6. A relação entre mestre e discípulo mediante o ensinamento não pode ser substituída por nenhuma escrita

A “oralidade dialética” impõe um tipo de escrita que se diferencia nitidamente tanto da prosa retórica expositiva quanto da prosa declamatória dos discursos de exibição. Tal tipo de escrita impõe, a saber, uma reprodução da estrutura do discurso feito por “pergunta” e “resposta”, ou seja, precisamente o *diálogo dialético*, mediante a dinâmica da refutação e a consequente aceitação ou não aceitação dos resultados cujo fim se alcança por meio de pergunta e resposta.

Todavia, em cada caso, persiste o fato de que o eixo condutor do diálogo oral (da “oralidade dialética”) é constituído pelo *ensinamento*, e, portanto, por uma construtiva e viva relação que se instaura entre mestre e aluno, como os *autotestemunhos* de Platão o dizem, e isto não pode ser substituído pela escritura em nenhuma das suas formas, ao passo que *o ensinamento consiste em um escrever não nos rolos de papel, mas na alma dos homens*.

Além disso, justamente aquelas coisas que para o filósofo são “de maior valor”, segundo Platão, não se podem escrever se não deste modo, ou seja, *com o ensinamento oral*, que não pode e não deve ser substituído pela escritura, como veremos.

Platão é considerado grande *escritor* e grande *poeta*, mas considerou a si próprio ainda maior como *mestre*, e julgou a obra desenvolvida por ele como mestre na Academia superior aos seus próprios escritos.

Somente se compreende Platão em conexão com a grande revolução cultural que estava sendo realizada e concluída na sua época e, além disso, em suas relações com Sócrates, o herói da “oralidade dialética”, pode-se compreender a sua tomada de posição nos confrontos da escrita e da oralidade, que constitui verdadeiramente um *unicum* na história, e se pode entender, por conseguinte, a importância das “doutrinas não

escritas” para apreender os diálogos na sua verdadeira espessura teórica e na sua grandeza.

7. O modo como ocorreu o meu encontro com a nova interpretação de Platão proposta pela escola de Tübingen

Abracei a nova interpretação de Platão a partir dos inícios dos anos oitenta do século passado, depois de ter traduzido e discutido longamente, frase por frase, o livro de Hans Krämer, intitulado *Platão e os fundamentos da metafísica*, saído em 1982, escrito pelo autor a meu convite, com o qual também inaugurei uma coleção por mim dirigida²².

Eu tinha de fato proposto a Krämer escrever este livro, ainda que eu fosse, àquela época, de parecer diverso. Até aproximadamente a metade dos anos setenta, de fato, como filho da cultura da escrita, eu era profundamente convencido de que nós conhecíamos tudo o que se refere ao pensamento platônico a partir dos seus diálogos, fazendo o seguinte raciocínio de cunho quase silogístico:

- a) a filosofia exprime-se sobretudo mediante a escrita;
- b) de um filósofo, quando possuímos todos os seus escritos, através desses nós conhecemos todo o seu pensamento;
- c) de Platão nos chegaram todos os seus escritos, logo, podemos conhecer tudo aquilo que pensou.

Mas justamente traduzindo o livro de Krämer e os vários documentos contidos nos apêndices – que eu mesmo propus ao autor redigir, na medida em que valem como documentos essenciais e determinantes –, me convenci de que as premissas do meu raciocínio de algum modo não se sustentavam, e *a fortiori* não sustentavam as consequências. De fato, nos *autotestemunhos* próprios do *Fedro* assim como no *excursus* da *Carta VII*, Platão assegura que o filósofo não comunica todos os seus assuntos mediante a escrita sobre

22. H. J. KRÄMER, *Platone e i fondamenti della metafisica. Saggio sulla teoria dei principi e sulle dottrine non scritte di Platone con una raccolta dei documenti fondamentali in edizione bilingue e bibliografia*, introdução e tradução de G. REALE, Vita e Pensiero, Milão, 1982; 2001⁵.

rolos de papel, mas, sobretudo aqueles mais importantes (aqueles que contêm as “coisas de maior valor”), os comunica escrevendo-os diretamente nas almas dos homens capazes de recebê-los.

Com isso, desaba a primeira premissa e consequentemente também a segunda, e, portanto, a conclusão.

a) Platão, por princípio, não confiava aos escritos todo o seu pensamento, mas somente o que considerava comunicável mediante aquele meio, com a exclusão das coisas que para ele eram – do ponto de vista filosófico – “de maior valor”;

b) Por isso, para o nosso filósofo não vale o princípio, segundo o qual, quando de um autor possuímos todos os escritos, nós conhecemos através deles todo o seu pensamento;

c) Consequentemente, desaba a conclusão: o fato de que nos chegaram todos os escritos de Platão não implica que possamos conhecer por tais escritos tudo o que ele pensou; em particular, não podemos conhecer aquelas “coisas de maior valor” que ele reservou à oralidade.

Reemergia na minha mente, consequentemente, a questão das “doutrinas não escritas” (*agrapha dogmata*), que me tinha tanto perturbado nos longos anos de trabalho por mim dedicados à tradução e ao comentário da *Metafísica* de Aristóteles, sobretudo no que concerne aos livros I, XIII e XIV, nos quais o Estagirita polemiza com tais doutrinas²³.

No curso de vários estudos sobre Platão, que continuei a fazer em vista de várias solicitações²⁴, me dei conta com toda clareza do fato de que mesmo na época de Platão – paralelamente aos próprios anos de sua vida – estava se realizando uma das mais grandiosas revoluções culturais, ou seja, a passagem do domínio da “oralidade” (enraizada na Grécia por séculos) ao domínio da “escrita”, com toda uma série de conseqüências que isto comporta em diversos

níveis, como já acenei na *Introdução* discutindo a tese de Havelock.

Compreendi, por conseguinte, que somente se situando no âmbito dessa revolução, e se dando conta do papel determinante nela assumido por Platão, se podia entender a fundo o pensamento do filósofo.

8. A insustentabilidade da tese da absoluta “autarquia” dos escritos platônicos com base em precisas razões históricas

O *novum* da interpretação da Escola de Tübingen consiste na *demonstração da impossibilidade de considerar “autárquicos” os escritos platônicos e na necessidade de recuperação sistemática da “tradição indireta”,* ou seja, dos testemunhos dos discípulos diretos (ou dos autores que alcançam aquelas fontes), justamente para compreender os escritos que, por declaração do seu próprio autor, calam sobre “coisas de maior valor” (*ta timiotera*), como é dito no *autotestemunho* do *Fedro*.

Esta convicção da “autarquia dos escritos” remonta certamente a Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher (como Krämer demonstrou e Marie-Dominique Richard confirma de modo detalhado²⁵), e de vários modos se difundiu na idade moderna, eliminando definitivamente a interpretação médio-platônica e neoplatônica de cunho alegórico, e predominantemente teórica (e em conseqüência, por certos aspectos, anti-histórica).

O modelo interpretativo fundado *sobre a autarquia dos diálogos* invertia e punha então em segundo plano a exegese neoplatônica, persistente por vários séculos. Mas as teses da Escola de Tübingen, por sua vez, punham em segundo plano o modelo interpretativo da *autarquia dos escritos*, predominante na idade moderna, introduzindo critérios interpretativos que traçam as linhas de um verdadeiro e característico novo “paradigma hermenêutico” na leitura de Platão, como agora veremos.

23. ARISTÓTELES. *La Metafísica*, tradução, introdução e comentário de G. REALE, 2 v., Loffredo, Nápoles, 1968, 19782. Esta edição foi sucessivamente renovada radicalmente: ARISTÓTELES, *Metafísica*, ensaio introdutório, edição bilingue com tradução e comentários aos cuidados de G. REALE, 3 v., Vita e Pensiero, Milão, 1993, 19952. Tal edição foi ultimamente apresentada com as novas técnicas editoriais em um só volume: G. REALE, *Introduzione, traduzione e commentario della Metafísica di Aristotele*, Bompiani, Milão, 2004 (coleção “Il Pensiero Occidentale”). Preparei também uma *editio minor*, primeiramente pela Rusconi Libri, publicada em 1978 e reeditada diversas vezes, depois em edição bilingue em 1993, e agora transferida à coleção “textos bilingues” da Bompiani, Milão, 2000, várias vezes reeditada.

24. Primeiramente na obra maior G. REALE, *Per una nuova interpretazione di Platone. Rilettura della metafísica dei grandi dialoghi alla luce delle “Dottrine non scritte”*, editada inicialmente junto a CUSL, Milão, 1984, até a quarta edição de 1986, e sucessivamente, da quinta (1987) à vigésima primeira edição (2003) junto a Vita e Pensiero.

25. Cf. H. J. KRÄMER, *Platone ...*, cit., p. 33-149. De M.-D. RICHARD veja-se F. D. E. SCHLEIERMACHER, *Introductions aux dialogues de Platon (1804-1828). Leçons d'histoire de la philosophie (1819-1823) suivies des textes de Friedrich Schlegel relatifs à Platon*, tradução e introdução por M.-D. RICHARD, Les Éditions Du Cerf, Paris, 2004.

9. A nova interpretação de Platão como paradigma hermenêutico alternativo ao paradigma tradicional

Conseqüentemente, estudando o problema do ponto de vista hermenêutico e epistemológico, sobretudo valendo-me da doutrina epistemológica de Thomas Kuhn²⁶, demonstrei em que sentido e em que medida a interpretação da Escola de Tübingen impõe-se como um novo modelo interpretativo, ou seja, como um novo “paradigma hermenêutico” na leitura de Platão.

Faço algumas observações a tal respeito, na medida em que a minha tese comporta toda uma série de importantes conseqüências, e em particular uma transposição das pesquisas platônicas sobre um novo plano.

Tenha-se presente que falar de “paradigma schleiermacheriano” significa evidenciar o critério formal e hermenêutico com o qual o estudioso procurou ler Platão, ou seja, o princípio basilar que Platão deve ser lido e entendido somente mediante os escritos (*sola scriptura*), que são autárquicos em sentido global, com a conseqüente redução da tradição indireta a algo de um valor um tanto escasso e, portanto, bem pouco significativo²⁷.

As conseqüências que Schleiermacher extraiu disso do ponto de vista sistemático e teórico colocam-se sobre um outro plano, e sobre este ponto não foi seguido.

Sobre a base dos critérios hermenêuticos da *autarquia dos diálogos*, tem sido desenvolvidas exegeses não somente diversas, mas até radicalmente opostas. Passou-se da exegese de caráter imanentístico à exegese de caráter transcendente; das perspectivas panteístas às perspectivas teístas; das leituras metafísicas às leituras anti-metafísicas; das interpretações sistemáticas às interpretações anti-sistemáticas, absolutamente problemáticas e até mesmo de caráter cético.

Todas essas interpretações diferentes e antinômicas gestaram-se, no entanto, no âmbito do quadro paradigmático schleiermacheriano da *autarquia dos escritos*.

Sempre sobre a base da doutrina de Kuhn, demonstrei que, mesmo mediante essas oposições e outras paralelas de análoga natureza, o paradigma da autarquia dos escritos perdeu o foco e emergiu pouco a pouco a *tradição indireta* que faz referência às “doutrinas não escritas” de Platão e que a Escola de Tübingen conduziu ao primeiro plano²⁸.

Esta tradição indireta está sendo, portanto, reerguida, e procura-se de vários modos entendê-la na sua natureza e estatura histórica, logo, no seu significado hermenêutico de notável importância. Em particular, está sempre mais emergindo uma verdade de fundo, ou seja, que *os diálogos podem ser entendidos nisso que está na sua base e na sua completude somente à luz das “doutrinas não escritas”*. A coletânea dos testemunhos de Richard que publicamos em paralelo, faz compreender bem como devemos ler os vários testemunhos da tradição indireta, e em que sentido podemos utilizá-los para uma releitura dos diálogos de Platão²⁹.

Particularmente, está se tornando claro que os diálogos platônicos *não podem ser lidos com aqueles critérios com os quais o homem de hoje compreende o escrito, mas devem ser lidos com aqueles cânones precisos com os quais Platão compreendeu o escrito em geral e, portanto, também os seus diálogos em particular*, como sobretudo Th. Szlezák explicou no seu livro *Platão e a escrita da filosofia* (que eu mesmo traduzi e fiz a introdução)³⁰.

10. Observações sobre a natureza dos paradigmas, sobre a ciência normal, sobre a ciência extraordinária e sobre as revoluções científicas

Cada discurso científico, diz justamente Kuhn, se funda sobre “paradigmas”, os quais fornecem aos cientistas “modelos” para a formulação dos problemas e para a solução dos mesmos. Os paradigmas, portanto, têm uma função reguladora nas ciências, e constituem a verdadeira força dinâmica que determinam os seus desenvolvimentos.

26. Th. S. KUHN, *La struttura delle rivoluzioni scientifiche*, tradução italiana de A. CARUGO, Einaudi, 1969, várias vezes reeditado. O título original da obra é: *The Structure of Scientific Revolutions*, Chicago University Press, Chicago, 1962.

27. Cf. G. REALE, *Per una nuova interpretazione di Platone*²¹, cit., p. 54 s.

28. Cf. G. REALE, *Per una nuova interpretazione di Platone*²¹, cit., p. 3-30.

29. Cf. o quanto dissemos na Apresentação da obra de Richard.

30. Th. A. SLEZÁK, *Platone e la scrittura della filosofia. Analisi di struttura dei dialoghi della giovinezza e della maturità alla luce del nuovo paradigma ermeneutico*, introdução e tradução de G. REALE, Vita e Pensiero, Milano, 1988, 19923.

A aceitação do paradigma e da sua função reguladora e dinâmica e, portanto, a impositação e o desenvolvimento das pesquisas em função disso, dão lugar àquela que Kuhn denomina “ciência normal”. A ciência normal, portanto, é uma tentativa de realizar as promessas do paradigma e de resolver os vários problemas que nascem, e que a comunidade reconhece como urgente à luz do mesmo paradigma.

A área de pesquisa na qual se move a ciência normal torna-se restrita à própria área delimitada pelo paradigma. De tal modo, os cientistas se empenham em pesquisas voltadas, a) em primeiro lugar, à determinação analítica dos fatos considerados relevantes em função do próprio paradigma; b) em segundo lugar, a pôr em confronto os fatos com a teoria, ou seja, os fatos com as perspectivas do paradigma; c) enfim, à articulação do próprio paradigma de modo a poder incluir nesse os problemas que nascem a cada momento.

A certa altura, entretanto, emergem fatos que não se enquadram no paradigma (e, portanto, que se opõe ao paradigma como “contra-fatos”). Nasce, então, um momento de crise, que perdura até quando não se opera uma reestruturação do próprio paradigma. Ocorre que somente na perspectiva de um novo paradigma o fato que resultava anômalo (o “contra-fato”) pode tornar-se normal. Tem-se, assim, a fase de “ciência extraordinária”, na qual se prepara a passagem do paradigma que se exauriu para um novo paradigma, em larga medida incompatível com aquele precedente. Verifica-se desse modo uma verdadeira e característica *revolução científica*, que pode ser de grandes dimensões (como a revolução copernicana), mas também de pequenas dimensões segundo a identidade do tipo de pesquisa³¹.

Com base na teoria de Kuhn sobre paradigmas, compreendidos como eixos condutores das pesquisas científicas, procurei reconstruir de uma maneira nova e ordenada a plurissecular história das interpretações de Platão³².

Particularmente, o amplo arco de pesquisas que vão do início do século XIX ao século XX, constitui-se uma rica e complexa fase de “ciência

normal”, fundada sobre o paradigma criado por Schleiermacher, que, como veremos, se referencia na preeminência quase absoluta atribuída aos escritos de Platão, com uma fortíssima redução do alcance, da importância e do valor das “doutrinas não escritas”, que nos foram transmitidas pela tradição indireta³³.

Há algumas décadas o paradigma schleiermacheriano da autarquia dos escritos tem crescentemente se desfocado, em virtude de uma série de “anomalias” não resolvidas no âmbito do próprio paradigma. Referimos-nos, em particular, às dificuldades emergentes da tradição indireta de Platão, e às várias tentativas de reacomodação do paradigma que foram feitas com o objetivo de tentar expandi-lo, e que conduziram, justamente, a uma notável perda de foco do próprio paradigma.

A nova interpretação proposta pela Escola de Tübingen, e por nós desenvolvida, que tem em vista uma reconstrução global da imagem de Platão em função das duas tradições (a direta e a indireta) sobre a base dos cânones epistemológicos *supra* mencionados, *se apresenta, portanto, como um novo paradigma alternativo àquele precedente*, que está prestes a se exaurir, se já não se exauriu completamente³⁴.

11. Aceitação por parte da Escola de Tübingen desta minha tese

Esta impositação epistemológica dada por mim ao problema comporta a transposição das pesquisas platônicas justamente sobre um novo plano crítico-epistemológico, com uma série de vantagens para esclarecer numerosas questões numa chave hermenêutica. Hans Krämer, sobre esta tese que sustentei no meu livro *Per una nuova interpretazione di Platone*, escreveu o seguinte:

[Reale] pela primeira vez analisa e reconstrói as linhas que caracterizam o redirecionamento no curso dos últimos decênios nas pesquisas platônicas, com os instrumentos conceituais de Th. S. Kuhn que se

31. Cf. G. REALE, *Per una nuova interpretazione di Platone*, cit., p. 3-30.

32. Cf. G. REALE, *Per una nuova interpretazione di Platone*, cit., p. 31-74.

33. Cf. G. REALE, *Per una nuova interpretazione di Platone*, cit., p. 54-69.

34. Cf. G. REALE, *Per una nuova interpretazione di Platone*, cit., p. 27-30 e 70-74.

referem à sucessão dinâmica das teorias, e, desse modo, se coloca em uma esfera de tratamento de caráter metateórico. Esta reflexão epistemológica, à qual pertence, para além da orientação histórica, o mérito de um especial incremento argumentativo no que diz respeito à atual situação das pesquisas, constitui a contribuição mais específica de Reale e indubitavelmente a sua contribuição mais importante para a nova imagem de Platão³⁵.

E ao resenhar a décima edição da mesma obra escreveu:

Não pode subsistir dúvida alguma sobre o fato de que o livro de Reale constitua, até este momento, a contribuição filosoficamente mais relevante ao novo paradigma dos estudos platônicos que foi obtida fora do âmbito da Escola de Tübingen e que, além disso, tenha fundado de maneira verdadeira e característica a Escola de Milão dos estudos platônicos³⁶.

Krämer ainda destacava:

O livro de Reale não é somente o livro mais monumental, mas também o de maior êxito que a história da pesquisa platônica conhece. Que eu saiba, não existe nenhuma monografia sobre Platão que tenha alcançado em somente sete anos uma dezena de edições³⁷.

Isto Krämer escrevia em 1992; em 2003 veio a público nada menos que a vigésima primeira edição, e esta minha obra já foi traduzida também em numerosas línguas³⁸.

12. Publicações sobre Platão promovidas por mim a partir do início dos anos oitenta

A partir do *Platone* italiano de Hans Krämer, que é de 1982, publiquei ao longo de vinte e cinco anos muitas dezenas de obras concernentes a Platão e à história do Platonismo, em um primeiro momento com Vita e Pensiero e com a Rusconi Libri e agora com a Bompiani. Um estudioso francês (feroz adversário do novo

paradigma) reconheceu que na Itália Platão não havia tido uma difusão similar e nunca havia suscitado tanto interesse, depois da época do humanismo. De fato, exatamente o interesse manifestado pelo público – efetivamente importante – me permitiu de colocar em ato e prosseguir esta operação, que a nível puramente acadêmico e com os usuais critérios das editoras não teria sido possível de nenhuma maneira.

Faço aqui referência a alguns dados particulares.

Os meus interesses filosóficos sempre foram por Platão e pelo Platonismo pagão e cristão, ainda que eu tenha dedicado dez bons anos de trabalho à tradução e ao comentário da *Metafísica* de Aristóteles. Era profundamente convicto de que especificamente Aristóteles pode oferecer uma excelente via de acesso para alcançar Platão. E assim foi efetivamente.

Além disso, o encontro com a Escola de Tübingen foi para mim, sob muitos aspectos, decisivo, para compreender não apenas Platão, mas também para entender a fundo as críticas que Aristóteles dirigia a Platão.

Em 1984 publiquei o esboço do meu livro *Per una nuova interpretazione di Platone*, que depois ampliei nas várias edições sucessivas.

Em 1988 publiquei o ensaio de Hans Krämer, *Dialettica e definizione del Bene in Platone*³⁹.

Em paralelo publiquei também várias obras de Konrad Gaiser, o líder filológico da Escola de Tübingen.

Iniciei com a tradução e introdução à obra *Metafísica della storia in Platone*, que constitui na edição italiana uma novidade, uma vez que retoma, com correções, acréscimos, ampliações (e coleta de documentos platônicos sobre o tema) a correspondente seção da obra maior, com a inclusão do ensaio *La teoria dei principi in Platone*. Em 1990 traduzi e introduzi o ensaio de Gaiser, *L'oro della sapienza*, do qual já falei acima. Em 1994 publiquei a obra maior de Gaiser, *La dottrina non scritta di Platone*, traduzida por Vincenzo Cicero, com uma apresentação minha e com uma introdução de Hans Krämer.

35. H. J. KRÄMER, *Mutamento di paradigma nelle ricerche su Platone. Riflessioni intorno ao nuovo libro su Platone di Giovanni Reale*, "Rivista di Filosofia neoscolastica", 78 (1986), p. 341-352, reproduzido no Apêndice I do meu livro *Per una nuova interpretazione di Platone*21, cit., p. 723-736; o trecho citado é na p. 723; cf. também a seguinte resenha à décima edição da minha obra, citada na próxima nota, e igualmente reproduzida no meu livro, em particular na p. 735.

36. H. J. KRÄMER, *L'interpretazione di Platone della Scuola di Tübingen e della Scuola di Milano. A proposito della decima edizione del libro di Giovanni Reale*, "Rivista di Filosofia neoscolastica", 84 (1992) p. 203-218, reproduzido no Apêndice II do meu livro *Per una nuova interpretazione di Platone*, cit., p. 737-751; o trecho citado é na p. 748.

37. H. J. KRÄMER, *L'interpretazione di Platone ...*, citado na nota precedente, e reproduzido em REALE, *Per una nuova interpretazione di Platone*21, cit., Apêndice II.

38. Foi traduzida em alemão, em inglês, em português, em espanhol, em checo, está em tradução avançada em romeno, e o capítulo décimo primeiro foi traduzido em eslovaco.

39. H. KRÄMER, *Dialettica e definizione del Bene in Platone. Interpretazione e commentario storico-filosofico di Repubblica VII 534 B 3-D 2*, introdução de G. REALE, tradução de E. PEROLI. Vita e Pensiero, Milão 1989, 1996.

40. K. GAISER, *Il discorso delle Muse sul fondamento dell'ordine e del disordine. Interpretazione e commento storico-filologico di Repubblica VIII 545 D-547 A*, ensaio introdutivo, tradução e índices aos cuidados de V. CICERO, apresentação de G. REALE, Vita e Pensiero, Milão 1998.

41. K. GAISER, *Testimonia Platonica. Le antiche testimonianze sulle dottrine non scritte di Platone*, introdução de G. REALE, tradução, índice e revisão dos textos de V. CICERO, Vita e Pensiero, Milão, 1998.

42. TH. A. SZLEZÁK, *Come leggere Platone*, apresentação de G. REALE, tradução de N. SCOTTI, Bompiani 2004. A obra está traduzida em doze línguas.

43. G. MOVIA, *Apparenza, Essere e Verità. Commentario storico-filosofico al "Sofista" di Platone*, prefácio de H. KRÄMER, introdução de G. REALE, Vita e Pensiero, Milão 1991, 19942.

44. V. HÖLSE, *I fondamenti dell'aritmetica e della geometria in Platone*, introdução de G. REALE, tradução de E. CATTANEI, Vita e Pensiero, Milão 1994.

45. E. CATTANEI, *Enti matematici e Metafisica: Platone, l'Accademia e Aristotele a confronto*, prefácio de I. TOTH e TH. A. SZLEZÁK, Vita e Pensiero, Milão 1996.

46. M. MONTUORI, *Per una nuova interpretazione del "Critone" di Platone*, prefácio de G. REALE, Vita e Pensiero, Milão 1998.

47. I. TOTH, *Lo schiavo di Menone. Il lato quadrato doppio, la sua misura non-misurabile, la sua ragione irrazionale. Commentario a Platone, Menone 82 B-86 C*, aos cuidados de E. CATTANEI, apresentação de G. REALE, Vita e Pensiero, Milão 1998.

48. V. CICERO, *Il Platone di Hegel*, prefácio de G. REALE, ensaio introdutivo de H. KRÄMER, Vita e Pensiero, Milão 1998.

49. M. T. LIMINTA, *Il problema della bellezza in Platone. Analisi e interpretazione dell'Íppia Maggiore*. Vita e Pensiero, Milão 1998.

Em 1998 publiquei, sempre em colaboração com Cicero, *Il discorso delle Muse*⁴⁰, que é a mais completa interpretação da *Repubblica*, VIII 545 D-547 A. No mesmo ano, ainda com a colaboração de Cicero, publiquei *Testimonia Platonica* (do qual escrevi a *Nota introduttiva* no livro da Richard)⁴¹.

Em 1988 publiquei a tradução com introdução do ótimo livro de Thomas A. Szlezák, *Platone e la scrittura della filosofia*. Pedi também a Szlezák para compor uma obra sintética sobre Platão voltada não apenas aos especialistas mas ao público culto em geral, com o título *Come leggere Platone*, editado primeiramente pela Rusconi Libri e agora reeditado pela Bompiani; este volume obteve um sucesso extraordinário⁴².

A partir de 1990 publiquei uma série de trabalhos de Maurizio Migliori, de quem falarei no próximo parágrafo.

Em 1991 publiquei o livro de Michael Erler, *Il senso delle aporie Nei dialoghi di Platone*, que interpreta os diálogos aporéticos de Platão em modo muito fino e em sintonia com o novo paradigma.

Sempre em 1991 publiquei a edição italiana do livro de Karl Albert, *Sul concetto di filosofia in Platone*.

Em 1991 Giancarlo Movia, ameu convite, publicou um nutrido e detalhado comentário ao *Sofista*⁴³.

Em 1994 publiquei o livro de Vittorio Hölse, *I fondamenti dell'aritmetica e della geometria in Platone*⁴⁴.

Sempre em 1994 publiquei a imponente obra de John N. Findley, *Platone, Dottrine scritte e non scritte*.

Em 1996 de Elisabetta Cattanei publiquei um livro sobre os *Enti matematici e metafisica*, no qual a autora estuda Platão e a Academia em confronto com Aristóteles sobre o tema⁴⁵.

Em 1998 de M. Montuori publiquei um livro sobre o *Criton*, em que demonstra os traços de tardia composição do escrito⁴⁶.

Em 1998 publiquei o livro de Imre Toth, composto por ele sob minha solicitação, *Lo schiavo di Menone*⁴⁷.

Em 1998 publiquei de Vincenzo Cicero, *Il Platone di Hegel* (em paralelo Cicero cuidou

também da tradução em edição bilíngue da parte das *Lezioni sulla storia della filosofia* de Hegel concernentes a Platão com texto em alemão)⁴⁸.

Em 1998 de Maria Teresa Liminta publiquei *Il problema della bellezza in Platone*⁴⁹.

Em 2000 de Raffaella Santi publiquei *Platone, Hegel e a dialettica*⁵⁰.

Em 2006 saiu o comentário mais rico e mais detalhado escrito até agora a nível internacional, sobre o *Crátilo* de Maria Luisa Gatti de título *Etimologia e filosofia*. Trata-se de uma obra que custou à autora cerca de dez anos de trabalho⁵¹.

Publiquei também ensaios de congressos platônicos em 1994 e em 1997⁵².

Em paralelo publiquei também obras sobre Platão de autores que têm relação com o novo paradigma, ou mesmo que são exemplos significativos do paradigma tradicional.

Comecei a publicar em 1990 de Ph. Merlan *Dal Platonismo al Neoplatonismo*⁵³, e de Cornelia de Vogel, *Ripensando Platone e il Platonismo*⁵⁴.

Em 1995 publiquei o ótimo livro de Gerard Krüger, *Ragione e Passione*, o melhor comentário alemão ao *Simposio*.

Em 1997 publiquei de Jan Patočka, *Platone e l'Europa*⁵⁵.

Em 1999 publiquei a grande obra de Paul Natorp, *Dottrina platonica delle Idee* e o escrito sucessivo *Logos-Psyche-Eros*, traduzidos por Vincenzo Cicero e introduzidos por mim⁵⁶.

Em 2000 publiquei de Josef Seifert, *Ritornare a Platone*⁵⁷ e em 2002 o livro de Mitsopoulos, *La musica nell'opera di Platone*⁵⁸.

Procedendo nesta linha, publiquei em 2003 nesta mesma coleção "Il Pensiero Occidentale" de Werner Jaeger *Paideia*, que contém aquela que, a meu ver, é uma das mais profundas interpretações da *Repubblica* de Platão, e em 2004 o imponente *Platone* de Paul Friedländer, uma das obras mais belas no âmbito do paradigma tradicional.

Naturalmente, dediquei muita atenção também à tradução de diálogos individuais de Platão, com edição bilíngue do grego, onze dos quais cuidados pessoalmente por mim⁵⁹.

De especial destaque é a obra *Platone, tutti gli scritti*, com traduções minhas e de meus

colaboradores, primeiramente publicada na coleção da Rusconi Libri, hoje na presente coleção “Il Pensiero Occidentale” da Bompiani⁶⁰.

De especial empenho para mim foram também as edições com amplo comentário do *Fedro* e do *Simpósio*, que preparei para a coleção Lorenzo Valla – Mondadori, em 1998 e em 2000, já citados acima. Em paralelo à composição do *Simpósio* escrevi também *Eros dèmone mediatore. Il gioco delle maschere nel “Simposio” di Platone*.

Além disso, após o encontro com a Escola platônica de Tübingen, reescrevi a parte sobre Platão na minha *Storia della filosofia antiga*, a partir da quinta edição. Esta obra em 2004 alcançou a versão definitiva com o novo título *Storia della filosofia greca e romana*, em 10 volumes, Bompiani. Todo o terceiro volume é dedicado a *Platone e l'Accademia antica* (2005).

Além destas obras específicas sobre Platão publiquei uma série de outros livros sobre a história do Platonismo, que, por razões de espaço, não posso citar aqui. Em especial, lembro que publiquei a tradução de quase todas as obras de Werner Beierwaltes, um dos máximos estudiosos a nível internacional do neoplatonismo.

Naturalmente, o trabalho de Marie-Dominique Richard que publicamos agora com a reunião dos testemunhos sobre as platônicas “doutrinas não escritas” e este meu não concluem a série de trabalhos sobre Platão, uma vez que outros projetos já estão em estudo.

13. As contribuições específicas de Maurizio Migliori e a sua posição particular em confronto do novo paradigma

O mais empenhado entre os meus alunos diretos nas pesquisas platônicas no âmbito do novo paradigma é Maurizio Migliori. Em 1990 publicou um dos mais profundos ensaios sobre *Parmênides*⁶¹: em 1993 publicou um riquíssimo comentário ao *Filebo*⁶², em 1996 um comentário ao *Político*⁶³ e em 2006 um ensaio sobre o *Sofista*⁶⁴. Agora está trabalhando também em uma obra geral de síntese.

Migliori aceita plenamente as categorias do quadro do novo paradigma.

a) Platão escreve segundo as indicações do *Fedro* e da *Carta VII* (e, para dizer com as palavras provocatórias do filósofo, com muita brincadeira e pouca seriedade), ou seja, nunca escreve tudo o que poderia, mas seguindo uma sua precisa estratégia comunicativa.

b) Esta estratégia comunicativa responde a profundas convicções filosóficas e a precisos intentos educativos, tanto que pode ser em certo sentido considerada uma reflexão da maiêutica socrática aplicada à comunicação mediante os escritos.

c) Platão conduzia um ensinamento no interior da Academia que compreendia doutrinas que encontramos somente aludidas nos diálogos, e que os seus alunos chamavam “doutrinas não escritas”.

d) Platão tinha uma relação bastante forte com as doutrinas pitagóricas.

e) Platão tinha um sistema filosófico complexo, a partir da polaridade dos Princípios primeiros e supremos.

Naturalmente, assim como o novo paradigma hermenêutico das Escolas de Tübingen e de Milão não é constituído por dogmas, mas apresenta uma organização metodológica de pesquisa científica, pode e deve admitir em seu interior divergências de vários gêneros.

Migliori sustenta há muito tempo que há uma forte diferença entre o “fazer filosofia” que deriva das ideias “claras e distintas” e inclinado a construir modelos alternativos (*aut... aut*), e o clássico, sobretudo platônico e aristotélico, que admite esquemas diversos (*et... et*) para entender uma realidade intrinsecamente uni-múltipla. Isto consente encontrar em Platão (mas também em Aristóteles) esquemas diversos, que têm às vezes entre eles uma relação problemática. Em especial, encontramos afirmações peremptórias, imediatamente mitigadas por *outras* que lembram *outras* aspectos igualmente reais. Para dar um exemplo: 1) devemos nos divinizar, 2) quanto seja

50. R. SANTI, *Platone, Hegel e la dialettica*. Em apêndice a dissertação de 1923 de Ch. A. BRANDIS, apresentação de C. Bo, prefácio de G. REALE, Vita e Pensiero, Milão 2000.

51. M. L. GATTI, *Etimologia e Filosofia. Strategie comunicative del filosofo nel “Cratilo” di Platone*, prefácio de R. RADICE, Vita e Pensiero, Milão 2006.

52. AA.VV., *Verso una nuova immagine di Platone*, aos cuidados de G. REALE, ensaios de: W. BETTERWALTES, E. BERTI, M. ERLER, H. KRÄMER, M. MIGLIORI, G. MOVIA, G. REALE, Th. A. SZLEZÁK, Vita e Pensiero, Milão 1994. – E. RUDOLPH (curador), *Polis e cosmo in Platone*. Ensaios de: G. REALE, Th. A. SZLEZÁK, A. LAKS, A. NESCHKE-HENTSCHKE, D. FREDE, E. RUDOLPH, C. F. VON WEIZSÄCKER. Edição italiana aos cuidados de E. CATTANI, Vita e Pensiero, Milão 1997.

53. Ph. MERLAN, *Dal Platonismo al Neoplatonismo*, introdução de G. REALE, tradução de E. PEROLI, Vita e Pensiero, Milão 1990, 19942.

54. C. J. DE VOGEL, *Ripensando Platone e il Platonismo*, introdução de G. REALE, tradução de E. PEROLI, Vita e Pensiero, Milão 1990.

55. J. PATOCKA, *Platone e l'Europa*, prefácio e introdução de G. REALE, tradução de M. CAITHAMI e G. GIRGENTI e bibliografia das obras de Patocka de I. CHVATIK, Vita e Pensiero, Milão 1997.

56. P. NATORP, *Dottrina platonica delle Idee*, aos cuidados de G. REALE e V. CICERO, Vita e Pensiero, Milão 1999. Sempre de NATORP foi publicada também a obra *Logos-Psyche-Eros*, acima citada na nota 16 ao capítulo IX.

57. J. SEIFERT, *Ritornare a Platone. La fenomenologia realistica come riforma critica della dottrina platonica delle Idee*. Em apêndice um texto inédito de A. REINACH, prefácio e tradução de G. GIRGENTI, Vita e Pensiero, Milão 2000.

58. E. MITSOPOULOS, *La musica nell'opera di Platone*, introdução de G. REALE, tradução de F. FILIPPI, Vita e Pensiero, Milão 2002.

59. Os diálogos sob os meus cuidados a partir de 2000 para a coleção “Testi a fronte” da

Bompiani em volumes individuais com introdução, texto grego ao lado e notas, são: *Apologia di Socrate, Critone, Eutifrone, Fedone, Fedro, Gorgia, Ione, Menone, Protagora, Simposio, Timeo*.

60. PLATONE, *Tutti gli scritti*, aos cuidados de G. REALE, com a colaboração de : M. L. GATTI, C. MAZZARELLI, M. MIGLIORI, M. T. LIMINTA, R. RADICE, Bompiani, Milão 2000, várias vezes reeditado.

61. M. MIGLIORI, *Dialettica e Verità. Commentario filosofico al "Parmenide" di Platone*, prefácio de H. KRÄMER, introdução de G. REALE, Vita e Pensiero, Milão 1990.

62. M. MIGLIORI, *L'uomo fra piacere, intelligenza e Bene. Commentario storico filosofico al "Filebo" di Platone*, introdução de TH. A. SZLEZÁK, Vita e Pensiero, Milão 1993.

63. M. MIGLIORI, *Arte, politica e metretica assiologica. Commentario storico-filosofico al "Politico" di Platone*, prefácio de H. KRÄMER, Vita e Pensiero, Milão 1996.

64. M. MIGLIORI, *Il "Sofista" di Platone. Valori e limiti dell'ontologia*, Morcelliana, Brescia 2006.

65. *Lexicon I. Plato*, editado por R. RADICE em colaboração com I. RAMELLI e E. VIMERCATI, edição eletrônica de R. BOMBACIGNO, Biblia, Milão 2003.

66. *Lexicon II Plotinus*, editado por R. RADICE, edição eletrônica de R. BOMBACIGNO, Biblia, Milão 2004.

67. *Lexicon III. Aristoteles*, editado por R. RADICE em colaboração com T. GAMMACURTA, L. PALPACELLI, I. RAMELLI, N. SCOTTI, E. VIMERCATI, edição eletrônica de R. BOMBACIGNO, 2 vol., Biblia, Milão 2005.

68. *Lexicon IV Stoics*, editado por R. RADICE em colaboração com L. PALPACELLI, C. PISONI, I. RAMELLI, L. STOCHINO, E. SCRIVANI e E. VIMERCATI, edição eletrônica de R. BOMBACIGNO, 2 vol., Biblia, Milão 2007. A obra é dividida em 4 tomos: Vol. I *Lexicon Latin*, vol. II *Lexicon Greek*, vol. III *Texts I*, vol. IV *Texts II*.

possível a um ser humano. Sem o 2) o 1) tem todo um outro significado. E isto acontece em muitos outros casos.

Isto explica por qual razão Migliori nas suas indagações procure ser sempre cauteloso, e o fato de que assuma um comportamento crítico sobre as posições unilaterais, mostrando que estas representam um aspecto do pensamento platônico, mas não o único e exaustivo. Por exemplo, não há dúvida sobre as convicções de Platão sobre a inteligibilidade do Bem, mas o problema de encontrar nos diálogos qual seria este conhecimento resulta muito mais complexo. Todavia, a valorização da *Carta VII*, que vê no cume do conhecimento três formas, opinião reta, *episteme* e *noûs*, colocadas nesta ordem crescente, mas ao mesmo tempo em que devem ser consideradas juntas, leva a excluir sejam as condenações categóricas da opinião "em si", sejam as fáceis identificações entre *episteme* e *noûs*, sejam as separações excessivas entre as próprias formas cognitivas, abrindo espaço para uma reflexão articulada.

Analogamente Migliori sustenta que o sistema platônico é *seja aberto que fechado*. É "fechado" enquanto Platão não tem nenhuma dúvida sobre uma série de elementos de fundo, como a polaridade dos Princípios primeiros e supremos, os Números ideais, a dialética e outros. Por outro lado, é um sistema "aberto" pelos seguintes motivos.

a) O ser humano não é *sophós*.

b) A pesquisa dialética implica uma ascensão das aporias aos princípios resolutórios, cuja descoberta comporta uma mudança do quadro de conjunto, um incremento (pequeno ou grande que seja) dos conhecimentos, e portanto um declínio para verificar as suas conseqüências, tal declínio comporta a descoberta de novos problemas e portanto uma nova ascensão, em um processo que sob certos aspectos não tem fim.

c) O conhecimento dos Princípios primeiros é um conhecimento totalmente particular, *in si* claríssimo, mas *para nós*, difícil.

Quanto à leitura dos diálogos, Migliori valoriza em modo especial o significado protréptico. Quanto à releitura dos vários diálogos, Migliori é convicto de que – sob certos aspectos – o trabalho tenha apenas começado.

Ele pensa que os efeitos deste trabalho, exatamente porque estamos diante de um novo paradigma, devem ser "devastadores" em relação à tradicional leitura de Platão, que no final deverá resultar em uma muito modificada.

14. As contribuições de Roberto Radice em especial com a coleção dos léxicos

Entre as contribuições dadas pelos meus alunos aos estudos platônicos, colocam-se ainda em primeiro plano também aquelas de Roberto Radice.

Traduziu numerosos escritos de Platão (*Clitofon, República, Critias, Minos, Leis, Epínomis, Cartas*) para a obra organizada por mim *Platone, Tutti gli scritti*. Mas os frutos mais significativos dos seus trabalhos são os *Lessici*, organizados por ele com o suporte eletrônico aos cuidados de Roberto Bombacigno. O *Plato* é de 2003⁶⁵, *Plotinus* é de 2004⁶⁶, *Aristoteles* é de 2005⁶⁷, e em 2007 saíram, em quatro volumes em versão impressa com o suporte eletrônico, *Stoics*⁶⁸.

A Universidade de Tübingen tornou-se famosa – entre outras coisas – pela criação do imponente "Platon-Archiv", em seu gênero único no mundo, e até ontem este arquivo foi um ponto de referência dos estudiosos de Platão a nível internacional. O Arquivo dispõe de um fichário de todos os termos usados por Platão e todas as suas obras, e é organizado e disposto em modo egrégio. De fato, são apresentadas cerca de sessenta e cinco mil fichas, em cada uma das quais o termo em questão é reproduzido com a frase em que aparece. As várias fichas são dispostas em recipientes funcionais, distribuídos em modo apropriado em numerosas salas. Até 1988 o Centro era dirigido por Konrad Gaiser, que tinha a sua disposição uma secretária, a qual com grande competência ajudava os estudiosos

interessados na utilização do fichário, e fornecia respostas a quesitos postos pelos estudiosos de várias cidades, mesmo por telefone. Após a morte de Gaiser, a direção do Platon-Archiv foi confiada a Thomas A. Szlezák.

Aquela imponente reunião de milhares e milhares de fichas distribuídas naquela série de salas agora está superada e se tornou praticamente inútil pelos instrumentos oferecidos pela tecnologia da informática: em apenas um CD estão incluídas não apenas milhares de fichas, mas é ainda potencializada ao máximo a sua acessibilidade, e os efeitos que se podem obter.

O *Lexicon n.1* da coleção criada por Roberto Radice e Roberto Bombacigno, em um volume de mais de 1000 páginas com um CD anexo, contém o inteiro *corpus* das obras de Platão segundo a edição Burnet (publicada em Oxford em 5 volumes, entre 1900 e 1907, e reeditada inúmeras vezes).

Este *Lessico* consiste de 47.150 formas, reunidas em 10.450 lemas para um total de quase 700.000 termos dispostos em 32.318 frases. Mediante o CD todo o *corpus* platônico é, não apenas consultável, mas também exportável e pode, portanto, ser também impresso. Este léxico coloca também completamente fora das considerações atuais a obra de L. Brandwood, *A Word Index to Plato*, Leeds 1976.

No *Lessico* (no impresso em forma bastante rica, mas não completa como no CD) cada um dos termos é reconduzido ao próprio vocábulo originário e cada um dos vocábulos ao próprio lema, de modo que a pesquisa pode ser conduzida tanto por lemas quanto por vocábulos.

Façamos um exemplo explicativo, tomando o termo $\epsilon\upsilon\alpha\iota\delta\acute{o}$. Em primeiro lugar, é indicado o número das vezes em que o termo aparece nas suas várias formas, que no nosso caso são bem 1283. Sucessivamente são indicados um a um todos os casos do termo, com a articulada e específica indicação do número das vezes em que comparece cada um dos casos (por exemplo, $\epsilon\upsilon\alpha\iota\acute{\epsilon}$ 59 vezes, $\epsilon\upsilon\alpha\iota\acute{\iota}$ 681 vezes, $\epsilon\upsilon\alpha\iota\delta\acute{o}$ 214 vezes etc.), e, naturalmente, com as referências analíticas a todos os lugares em que o termo usado em cada um dos casos aparece no *Corpus Platonicum*.

Este instrumento, porém, permite encontrar não apenas a indicação de todos os lugares em que se encontra o termo pesquisado, mas também as frases em que aparece. Além disso, estas podem ser – sob solicitação – evidenciadas na tela (e portanto, exportadas e impressas).

Um nível mais progredido de indagação consiste em pesquisar em quais frases dois ou mais termos (vocábulos ou lemas) se encontram presentes. Esta é uma função particularmente útil para o estudioso, enquanto permite determinar o significado de uma palavra com crescente precisão, à medida que aumento o número de termos com que é confrontada, ou seja, à medida que o termo é definido no seu âmbito semântico.

Um terceiro nível de utilização do *Léxico* é o chamado dos “Sujeitos”. Nesta função é possível marcar as frases dos diálogos platônicos, caracterizando-as com títulos que o pesquisador considera idôneos e que pode acumular em um arquivo apropriado: o arquivo, exatamente, dos Sujeitos. Por exemplo, o estudioso pode criar um sujeito de título “Conhecimento”, onde são reunidos todos os textos platônicos em que se usam termos atinentes a este tema. Tais sujeitos podem, depois, ser comparados com qualquer outro lema ou com qualquer vocábulo. Por exemplo, o sujeito “Conhecimento” pode ser colocado em confronto com o lema *psyché*, para ver quais relações existem entre a alma e as operações cognitivas, ou melhor, os vários termos que as designam. Neste nível de empenho o léxico torna-se *interativo*, ou seja, pode ser personalizado por quem faz uso dele, com a possibilidade de salvar a cada vez as próprias pesquisas, sem perder nada do trabalho executado.

Ulteriores possibilidades no uso deste instrumento são a pesquisa por fórmula (quando se quer encontrar não palavras individuais, mas frases inteiras), e a pesquisa em setores específicos do *corpus* platônico: por exemplo, somente nos diálogos juvenis, ou mesmo somente naqueles dialéticos, ou ainda somente nos diálogos temáticos. Esta última função é necessária para quem quer reconstruir e aprofundar o desenvolvimento do pensamento do autor.

No conjunto o *Léxico platônico* é concebido a fim de atuar com uma perfeição sempre crescente, a pesquisa filosófica e histórico-filológica sobre Platão, segundo o método comparativo dos termos e dos conceitos, que hoje é o mais seguro, sobretudo no estudo do pensamento antigo.

Os outros *Léxicos* até agora publicados permitem verificar a retomada e os desenvolvimentos da terminologia platônica em Aristóteles, nos Estóicos e em Plotino.

Estes instrumentos constituem uma verdadeira e própria revolução no âmbito dos estudos de Platão e da filosofia antiga.

15. Um juízo de Hans Krämer sobre o trabalho por mim desenvolvido em sintonia com a Escola de Tübingen

Gostaria de concluir com significativas notas de Hans Krämer sobre a obra desenvolvida pela Escola de Milão em conexão com a Escola de Tübingen.

Em primeiro lugar, eu recordaria o que ele disse sobre a posição por mim assumida em relação à Escola de Tübingen:

Eu atribuiria a Reale até mesmo uma terceira via, original e que está no meio entre a modalidade de conexão das tradições, conteudista, mas mais pontual, de Gaiser e de Krämer, e aquela mais ampla, mas essencialmente literária de Szlezák. Reale conseguiu desvelar correspondências conteudisticamente mais amplas entre as tradições, e neste sentido o seu livro assume uma posição complementar nos confrontos dos esforços dos Tubingueses⁶⁹.

Em segundo lugar apresento as conclusões gerais que Krämer extrai, particularmente significativas;

A colaboração pouco a pouco instaurada, graças a condições culturalmente e pessoalmente favoráveis e a uma série de felizes decisões, entre duas escolas tão diversas como as de Milão e de Tübingen, mantidas e

reforçadas ao longo de mais de uma década, constitui um fenômeno único e bom auspício. Isto antecipa o que devagar começa a emergir em todo campo, mesmo no científico, e que, se não é tudo um engano, se realizará sempre mais no futuro: a comunidade de uma Europa unida⁷⁰.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CATTANEI, E. (1996). *Enti matematici e Metafisica: Platone, l'Accademia e Aristotele a confronto*. Milão: Vita e Pensiero.

DE VOGEL, C. J. (1990). *Ripensando Platone e il Platonismo*. Milão: Vita e Pensiero.

DIÓGENES LAÉRCIO, (2005). *Vite e dottrine dei più celebri filosofi*. Milano: Bompiani.

GAISER, K. (1998). *Il discorso delle Muse sul fondamento dell'ordine e del disordine*. Interpretazione e commento storico-filologico di Repubblica VIII 545 D-547 A, ensaio introdutivo, tradução e índices aos cuidados de V. CICERO, apresentação de G. REALE. Milão: Vita e Pensiero.

GAISER, K. (1998). *Testimonia Platonica. Le antiche testimonianze sulle dottrine non scritte di Platone*. Milão: Vita e Pensiero.

HAVELOCK, E. A. (1966). *Alle origini della filosofia greca*. Roma-Bari: Laterza.

HAVELOCK, E. A. (1973). *Cultura orale e civiltà della scrittura da Omero a Platone*. Trad. de M. Carpitella. Int. de G. Gentili. Roma-Bari: Laterza. Coleção "Biblioteca Universale Laterza",

HÖLSE, V. (1994). *I fondamenti dell'aritmetica e della geometria in Platone*. Milão: Vita e Pensiero.

KRÄMER, H. J. (1992). L'interpretazione di Platone della Scuola di Tübingen e della Scuola di Milano. A proposito della decima edizione del libro di Giovanni Reale. *Rivista di Filosofia neoscolastica*, v. 84, p. 203-218.

KRÄMER, H. J. (1986). Mutamento di paradigma nelle ricerche su Platone. Riflessioni intorno ao nuovo libro su Platone di Giovanni Reale. *Rivista di Filosofia neoscolastica*, v. 78, p. 341-352.

KRÄMER, H. J. (1982). *Platone e i fondamenti della metafisica. Saggio sulla teoria dei principi e sulle dottrine non scritte di Platone con una raccolta dei documenti fondamentali in edizione bilingue e bibliografia*, introdução e tradução de G. REALE. Milão: Vita e Pensiero.

KUHN, Th. S. (1962). *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: Chicago University Press.

LIMINTA, M. T. (1998). *Il problema della bellezza in Platone. Analisi e interpretazione dell'Ippia Maggiore*. Milão: Vita e Pensiero.

MERLAN, PH. (1994). *Dal Platonismo al Neoplatonismo*. Milão: Vita e Pensiero.

69. H. J. KRÄMER, *L'interpretazione di Platone della Scuola di Tubinga e della Scuola di Milano...*, cit., 1992, agora em G. REALE, *Per una nuova interpretazione di Platone*21, cit., p. 750.

70. KRÄMER, *L'interpretazione di Platone della Scuola di Tubinga e della Scuola di Milano...*, cit., 1992, agora em G. REALE, *Per una nuova interpretazione di Platone*21, cit., p. 751.

- MIGLIORI, M. (1996). *Arte, politica e metretica assiologica. Commentario storico-filosofico al "Politico" di Platone*. Milão: Vita e Pensiero.
- MIGLIORI, M. (1990). *Dialettica e Verità. Commentario filosofico al "Parmenide" di Platone*. Milão: Vita e Pensiero.
- MIGLIORI, M. (1993). *L'uomo fra piacere, intelligenza e Bene. Commentario storico filosofico al "Filebo" di Platone*, Milão: Vita e Pensiero.
- MITSOPOULOS, E. (2002). *La musica nell'opera di Platone*. Milão: Vita e Pensiero.
- MOVIA, G. (1994). *Apparenza, Essere e Verità. Commentario storico-filosofico al "Sofista" di Platone*. Milão: Vita e Pensiero.
- NATORP, P. (1999). *Dottrina platonica delle Idee*. Milão: Vita e Pensiero.
- PATOCKA, J. (1997). *Platone e l'Europa*. Milão: Vita e Pensiero.
- REALE, G. (1998). *Platone. Alla ricerca della sapienza segreta*. Milão: Rizzoli.
- SEIFERT, J. (2000). *Ritornare a Platone. La fenomenologia realistica come riforma critica della dottrina platonica delle Idee*. Milão: Vita e Pensiero.
- VLASTOS, G. (1998). *Il filosofo dell' ironia complessa*, editado por A. BLASINA, La Nuova Italia, Florença.

Recebido em novembro de 2010,
aprovado em Janeiro de 2011.